

O discurso humorístico nordestino: o humor regional de Zé Lezin e Renan da Resenha à luz da Sociolinguística Variacionista

Amanda Gabriela Silva Batista¹
José Domingos²

RESUMO: Sabendo que a língua é o elemento essencial para o ato comunicativo entre sujeitos, torna-se fundamental compreender que ela não é um sistema puro, ou seja, livre de variações, podendo uma mesma língua variar em diversos tipos e níveis sociais. No trabalho ora produzido, serão destacados a importância e o respeito a todas as variações linguísticas enquanto partes fundamentais para o funcionamento da língua e cultura de determinadas regiões. Para isto, foi feita uma pesquisa analítico-descritiva, cujo *corpus* são vídeos, produzidos pelos humoristas paraibanos, Zé Lezin e Renan da Resenha, publicados na plataforma digital *YouTube*. Metodologicamente de natureza qualitativa, esta pesquisa objetiva compreender de que maneira as variações linguísticas presentes no material selecionado contribuem na produção do humor considerado nordestino. Analisou-se o *corpus* a partir de estudos sociolinguísticos de diversos teóricos, dentre eles Bagno (1999), utilizando-se desse arcabouço teórico para compreender como ocorre esse processo de variação produzido no uso da língua. Discutiu-se a questão do Humor a partir de estudiosos como Jerónimo (2015). Desta forma, o trabalho demonstrou que as variações linguísticas são importantes elementos para a comicidade e produção de sentidos nos discursos humorísticos, contribuindo, inclusive, para a reiteração de estigmas e preconceitos linguísticos acerca do falar nordestino.

PALAVRAS-CHAVE: Humor; Língua; Sociolinguística.

ABSTRACT: Knowing that language is the essential element for the communicative act between subjects, it is essential to understand that it is not a pure system, that is, free from variations, and the same language can vary in different types and social levels. In the work produced, the importance and respect for all linguistic variations will be highlighted as fundamental parts for the functioning of the language and culture of certain regions. For this, an analytical-descriptive research was carried out, whose corpus is videos, produced by the comedians from Paraíba, Zé Lezin and Renan da Resenha, published on the digital platform *YouTube*. Methodologically of a qualitative nature, this research aims to understand how the linguistic variations present in the selected material contribute to the production of the humor considered Northeastern. The corpus was analyzed from the sociolinguistic studies of several theorists, among them Bagno (1999), using this theoretical framework to understand how this process of variation produced in the use of language occurs. The issue of Humor was discussed by scholars such as Jerónimo (2015). In this way, the work demonstrated that linguistic variations are important elements for the comedy and production

¹ Graduada em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba. Email: amandagabriela885@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2885-2013>.

² Doutor em Linguística pela UFPB. Professor da Universidade Estadual da Paraíba. Email: domingosuepb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2765-1009>.

of meanings in humorous speeches, contributing, even, to the reiteration of linguistic stigmas and prejudices about Northeastern speech.

KEYWORDS: Humor; Tongue; Sociolinguistics.

1. Introdução

A língua é um bem comum a todo cidadão, sendo ela responsável pelos atos de comunicação dos sujeitos na sociedade. Levando em conta os fatores históricos, regionais e sociais, as escolhas linguísticas elegidas por cada sujeito caracterizam sua identidade, logo, não podemos discriminar determinada variação linguística utilizada por alguém e considerar apenas o sujeito que utilize a língua designada como pura, certa e/ou uniforme, pois as variações menos prestigiadas de uma língua são tão importantes para o ato comunicativo quanto a própria língua padrão.

Tendo em vista os diversos tipos de variação da Língua Portuguesa presentes no Brasil, faz-se necessário um estudo, assim como, uma reflexão desse fenômeno, com a finalidade de repensar estereótipos e preconceitos, fatores que, infelizmente, tornam-se cada vez mais presentes em nossa sociedade. O respeito e a compreensão dessas variações, não só pelos estudiosos da língua, mas também pela população em geral, farão com que um sujeito, ao se deparar com um modo de falar diferente do seu, compreenda que aquilo se trata de uma variação linguística e não um “erro linguístico”, como é comumente propagado.

Acerca disto, a presente pesquisa, de natureza qualitativa, abordará a questão da variação linguística a partir do humor produzido por dois comediantes da região Nordeste: Zé Lezin e Renan da Resenha, além de descrever e analisar como se constrói este discurso² cômico, ou seja, quais recursos linguísticos são utilizados para esta construção acerca do cotidiano destes humoristas (linguagem regional, experiências e vestimentas típicas, por exemplo). Vale salientar que esse tipo de discurso humorístico irá adequar-se ao suporte em que está inserido, como por exemplo, um vídeo produzido para internet ou um *show* de *stand-up*.

A partir da análise dos discursos humorísticos nordestinos presentes nos vídeos selecionados, pretendemos responder a seguinte questão: de que forma a variação linguística contribui para a manifestação de um caráter risível no discurso produzido por esses humoristas? Para isso, objetivamos analisar como as variantes da língua são mobilizadas pelos humoristas para a criação de humor em seus discursos. Assim como, enfatizar o papel das variações existentes nas línguas para a riqueza cultural e identitária de um povo. Para tanto, partimos da seguinte hipótese: o preconceito instaurado em nossa sociedade e propagado na mídia através do humor incute a visão de “certo” e “errado” quanto ao modo de falar da língua portuguesa.

Abordaremos, também, como a ascensão de humoristas nordestinos nessas plataformas afeta a questão do preconceito linguístico e da xenofobia. Para isto, utilizaremos as contribuições teóricas de autores, como: Araújo (2010), Bagno (1999), Jerônimo (2015).

A partir de uma análise analítico-descritiva do *corpus*, iremos discutir a variação linguística, principalmente no que diz respeito à linguagem nordestina, presente em nosso país, abordando sua construção identitária e cultural para o indivíduo e, conseqüentemente, para a sociedade.

Para tratar sobre o preconceito linguístico tão presente em nossa sociedade, iremos apresentar como a mídia veicula a imagem de que o domínio da variedade padrão do

português é o “correto” o que, conseqüentemente, faz das variações registros “errados” da língua, não importando o contexto social da sua realização. Nesses meios, acredita-se no mito da “unidade linguística” (BAGNO, 1999). O surgimento desse mito, possivelmente, ocorre graças à confusão que muitas pessoas fazem acerca do “monolingüismo”, o qual aborda o português como língua oficial do nosso país, com a “homogeneidade linguística”, acreditando que esta seja uma língua homogênea, “limpa” e livre de qualquer variação.

2. Sociolinguística: do preconceito à liberdade linguística

A partir das variações presentes em qualquer língua natural, torna-se essencial a existência de uma ciência que se dedique ao estudo dessas variações em diversos contextos sociais e históricos. Partindo deste princípio, a Sociolinguística, a partir de estudos de teóricos como Mikhail Bakhtin, configura-se como uma ciência voltada para o estudo da língua em uso na sociedade. A partir desta teoria, podemos compreender quais aspectos linguísticos e/ou sociais influenciam as variantes linguísticas utilizadas pelos falantes de determinada língua.

Para compreendermos o porquê das línguas apresentarem algumas variações, podemos destacar a importância da língua como instrumento de interação, sendo um bem comum ao ser humano, mas também um objeto de poder. Podemos citar dois exemplos de dominação e imposição de uma língua: primeiramente, a imposição da língua latina que ocorreu com a chegada dos romanos à Península Ibérica que, após a vitória na Guerra Púnica, é adotada por todos os povos da região (com exceção dos Bascos), ocorrendo, assim, o que conhecemos como substrato, no qual prevalece a língua do dominador sobre a língua do dominado; um segundo momento seria o “Descobrimto do Brasil”, no qual os portugueses, em 1500, trazem uma língua até então desconhecida pelos índios, o português. Algum tempo depois Portugal impõe esta língua sob a língua falada pelos indígenas, o Tupi.

Diante do exposto, é fato que a língua imposta pelos romanos não ficava puramente latina, pois os povos dominados agregavam algumas características da sua língua nativa, assim como no momento em que a Língua Portuguesa tornou-se língua oficial de nosso país, ela agregou muitos termos presentes da língua indígena, tornando, assim, o português do Brasil diferente do português falado em Portugal, que também apresenta variações em seu interior, uma vez que temos o conhecimento que nenhuma língua é homogênea. Para compreender a relação da língua do dominante *versus* língua do dominado, encontramos na Sociolinguística dois conceitos que podem ser encontrados nos estudos de Freitag e Lima (2010) acerca do tema: superstrato, quando a língua de um grupo dominante prevalece sobre a língua do outro; e Substrato, quando a língua do grupo dominado se adapta à língua imposta a ele, mas ainda traz consigo características de sua língua nativa.

Essas variações não se restringem apenas à junção do português europeu com o português brasileiro, dado que, no Brasil, encontramos variações linguísticas decorrentes de diferentes contextos sociais, econômicos e regionais, por exemplo. Essa heterogeneidade linguística é objeto de estudo da Sociolinguística, subárea da linguística. Sobre o surgimento da Sociolinguística, podemos destacar:

O surgimento dos estudos sociolinguísticos deve-se a uma tentativa de combate aos estudos puramente estruturalistas da linguagem, uma vez que estes não levavam em conta as considerações sobre a relação língua e sociedade, mas tão

somente à relação interna da língua, sem observar o contexto: social, cultural, étnico, religioso, político e econômico em uma sociedade ou comunidade de fala. (BORSTEL, 2014, p. 507)

A Sociolinguística tem como interesse principal o estudo da língua em uso, atentando para as mudanças dos aspectos linguísticos a partir de determinadas situações sociais em que o indivíduo está inserido. Através dos estudos da Sociolinguística, pode-se comprovar que as variações e escolhas produzidas pelos falantes não são apenas de natureza linguística (sintática, morfológica etc.), elas ocorrem, também, através de fatores não-linguísticos (idade, classe social, nível de escolaridade e etc.).

Em um primeiro momento, torna-se essencial a diferenciação de dois elementos que são objetos de estudo da Sociolinguística: sotaque e dialeto. Compreende-se como sotaque, a “curva melódica” (FREITAG; LIMA, 2010, p. 24) produzida pela fala dos sujeitos de determinadas regiões, ou seja, ele está diretamente ligado ao som/melodia produzido pelos falantes. Enquanto o dialeto configura-se como as derivações lexicais, morfossintáticas, fonêmicas e semânticas produzidas por um grupo de falantes de determinada região geográfica do país.

Ao falar, o sujeito exerce o papel principal da língua: a comunicação, e é através de suas escolhas linguísticas que ele cria sua identidade, seu estilo. Essas escolhas ocorrem de acordo com diferentes situações (contexto social, nível de escolaridade, contexto histórico). A partir dos estudos sociolinguísticos, podemos compreender que o falar de um sujeito que utiliza variações não presentes no português padrão, deve ser considerado aceitável, levando em conta seu contexto sociocultural, bem como a situação de uso, por exemplo, quando dito por alguém que não teve acesso à escola e, conseqüentemente, à língua padrão. A partir disto, podemos compreender que nossa língua apresenta diferentes variações que irão depender de fatores diversos, fazendo com que determinada fala possa ser considerada adequada ou inadequada a um contexto específico.

Logo, encontramos algumas pessoas que defendem o português padrão como português “certo” e “aceitável” em qualquer situação de fala, fazendo com que se propague, direta ou indiretamente, o mito da Homogeneidade Linguística, no qual uma língua é apresentada como pura e livre de variações. Esta teoria de Homogeneidade é, em alguns casos, confundida com o conceito de Unidade Linguística (Monolingüismo):

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolingüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, *heterogênea*, ou seja, apresenta *variação* em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.) (BAGNO, 2015, p. 27).

No Brasil, temos o Português como idioma oficial, no entanto, esta língua não é, como dito anteriormente, pura, ou seja, livre de variações. Cada falante irá utilizá-la da maneira como for adequada à sua realidade social. Logo, existem diferentes níveis de Variações Linguísticas: nível fonético, morfológico, lexical e sintético. Estes aspectos serão discutidos mais adiante.

Tendo conhecimento desta diferença, podemos afirmar que existe em nosso país um preconceito com falantes do português não-padrão, as variantes de menor prestígio social do nosso idioma. Quem não apresenta um domínio da norma culta, acaba sofrendo com desigualdades e ataques preconceituosos, uma vez que no mercado de trabalho só há

espaço, na maioria dos casos, para aqueles que dominam o “português certo”, prejudicando os brasileiros que não tiveram acesso a essa modalidade, criando o que Bagno (2015) chama de “Abismo Linguístico”.

Como visto anteriormente, os falantes dessa variante de menor prestígio social sofrem ataques preconceituosos de pessoas que dominam o português padrão em diferentes lugares, por exemplo, na mídia televisiva, que traz em seus programas humorísticos, o personagem pobre, de periferia ou de zona rural como aquele que não sabe “falar direito”, por não dominar a norma culta. Acerca deste preconceito propagado pela mídia Scoparo e Miqueletti (S/D, p. 2) afirmam:

A variação linguística e o uso de variedades mais próximas da culta são direcionadas pela mídia de acordo com o que convém. As variedades que fogem ao padrão culto continuam sendo usadas como mote para piadas, atos pejorativos. O domínio dessa é reconhecido como a correta e necessária para a ascensão social, desconsiderando as outras variedades existentes.

Sendo a mídia formadora de opinião, caberia a ela propagar a riqueza dos diversos tipos de variações existentes em nosso país, fazendo com que houvesse respeito aos diversos falares. Visto isso, fica clara a importância do estudo da Sociolinguística para compreender e aceitar a heterogeneidade linguística presente em nosso país.

3. Os tipos de variações linguísticas

As variações existentes em uma língua não ocorrem ao acaso, elas necessitam de contextos sociais e linguísticos para acontecer. Em um ato comunicativo, cada falante irá adequar-se a seu contexto sociocultural para falar, adaptando-se a um momento enunciativo ou ao seu nível de escolaridade. Cada enunciado dito será único e característico de determinado falante, que utiliza sua experiência de mundo para compor sua fala. Logo, a partir dos estudos Sociolinguísticos, encontramos diferentes tipos de variações linguísticas, como as a seguir.

3.1 Variação histórica

Neste tipo, a variação ocorre no decorrer do tempo. Algumas palavras passam pelo processo de redução e adequação às necessidades do momento histórico presente. Um termo pode cair em desuso caso os falantes deixem de utilizá-lo ou o substitua por outra expressão com o passar do tempo, como exemplo, encontramos a palavra *cinematógrafo*, que a partir de uma adaptação com o passar do tempo, foi se reduzindo ao que conhecemos hoje: *cinema*.

3.2 Variação diafásica

Neste caso, o falante/escritor irá utilizar-se de um estilo próprio que será resultado de suas experiências de mundo ou será adequado ao tipo de situação que ele está inserido, por exemplo, em um discurso humorístico, em que podemos encontrar sentenças que estejam sem concordância verbal como: “a gente vamos”, mas que tenha sido usado desta maneira propositalmente, para dar sentido a determinado enunciado.

3.3 Variação diastrática

No Brasil, por diversos motivos, existem pessoas que não têm ou não tiveram acesso à escola. Logo, a maneira como este sujeito irá se comunicar será diferente da maneira em que um indivíduo que teve contato com o português padrão ensinado na escola. Esse tipo de variação ocorre a partir de diferentes fatores socioculturais (classe/grupo social e nível de escolaridade), causando boa parte do preconceito linguístico que encontramos em nosso país, pois indivíduos que tiveram acesso à língua culta não compreendem que o tipo de português falado por outro que não frequentou a escola é aceitável para seu contexto social. Durante a alfabetização de crianças, em seu primeiro contato com a língua escrita, o professor deve atentar-se para a importância de explicar que algumas letras ou grafemas podem apresentar diferentes sons, como o /s/ em [casa], [saco].

No entanto, essa disseminação do preconceito linguístico está, aos poucos, diminuindo, pois já encontramos livros didáticos que trazem o tema variação linguística como conteúdo das aulas de português.

3.4 Variação diatópica

É comum nos depararmos com diferentes sotaques e dialetos nas regiões do Brasil. Esse fato ocorre pela existência de uma variação que está ligada às regiões do país. Por exemplo, no sul do Brasil, existe uma grande influência portuguesa (tanto cultural, quanto linguística), logo, o sotaque que encontramos nesta região é característico do cruzamento de culturas (Brasil e Portugal). No entanto, em uma só região podem ocorrer variações, como é o caso do Nordeste que encontramos diferentes sotaques e dialetos quando analisamos os estados que formam essa região. Logo, “A variação geográfica representa fatos sociais de uma determinada região e é interiorizada por todos os falantes e sua aprendizagem ocorre basicamente no ambiente familiar como marca de identidade do grupo social.” (ARAÚJO, 2011, p. 6). Ou seja, o falante irá, a partir do convívio na sociedade, criar um banco de dados com os sotaques e dialetos encontrados em seu ciclo social, fazendo com que seja natural para ele falar de determinado modo. Tendo em vista esta experiência linguístico-cultural, Freitag e Lima (2010) destacam exemplos: a queda da vogal pós-tônica em palavras como [xícara] que, no linguajar de alguns falantes passa a ser [xicra], além da queda da vogal pós-tônica e da consoante que a segue, como em [sábado] que passa a ser dito [sabo].

Logo, a Sociolinguística irá explicar como a língua, base da comunicação humana em uma sociedade, irá apresentar diferentes variações de acordo com o contexto sociocultural de um indivíduo, abordando como esta heterogeneidade irá influenciar na identidade do sujeito falante, como é o caso de tal discurso produzido oralmente por um nordestino: [ramo lá in ríba preu visitá Ana]. É pouco provável que um falante de outra região do país compreenda o que foi dito nesta sentença, levando em conta as palavras [ramo], [preu] e [riba], mais precisamente. No entanto, um ouvinte da mesma região irá compreender que foi [vamos lá em cima para eu visitar Ana].

4. Humor e internet

A sociedade está vivendo um momento no qual a internet tornou-se um elemento básico para comunicação, informação e lazer. Mesmo sendo um meio de comunicação relativamente novo, quando comparado ao rádio e à televisão, já se tornou um dos maiores da atualidade, principalmente para os jovens que a utilizam a todo momento. Dentro deste

universo da internet, destacaremos a plataforma digital *YouTube*, utilizada pelos internautas como meio de informação e entretenimento.

Em nosso trabalho, analisaremos vídeos de humoristas nordestinos para, a partir da linguagem utilizada, refletir acerca dos aspectos estudados pela Sociolinguística, destacando: a utilização e “escolha” de palavras de acordo com o contexto social e linguístico do indivíduo, ou seja, observar como os diversos tipos e níveis de variação da língua são apresentados no discurso humorístico em prol do riso. Por abordar temas comuns do cotidiano, o discurso humorístico é um dos que mais atraem os internautas/espectadores, tanto dentro quanto fora do *YouTube*, pois o humor produzido a partir destes temas faz com que o espectador se identifique com o que está sendo dito e gere o riso como resultado a essa ação.

Acerca dos discursos humorísticos, vale ressaltar a diferença entre riso, humor e comédia. O riso caracteriza-se como uma “manifestação biológica visível” (PROVINE, 2000; CRITCHLEY 2002; CARROLL 2014 *apud* JERÓNIMO 2015, p. 63) do indivíduo é provocado por diferentes fatores, desde como resposta a uma piada que divertiu o indivíduo, até como ironia a determinada situação.

Já o humor, não tendo uma definição preestabelecida, pode ser identificado como qualquer discurso que, a partir de um conhecimento de mundo compartilhado tanto pelo humorista como pelos espectadores, provoque riso e/ou divertimento, podendo ele ser feito com o intuito de produzir uma crítica a determinado acontecimento da sociedade ou apenas com o propósito de divertir os espectadores. Sobre isto:

Podem considerar-se humor quaisquer eventos ou formulações discursivas, intencionadas ou inadvertidas, que provoquem experiências cognitivas culturalmente partilhadas capazes de suscitar o riso e providenciar divertimento. Para serem consideradas humorísticas, as mensagens devem ser mutuamente compreensíveis e susceptíveis de provocar o riso tanto para o falante como para o ouvinte. (JERÓNIMO, 2015, p. 67)

A comédia nem sempre teve um teor humorístico. Autores como Shakespeare, por exemplo, utilizavam a comédia como gênero oposto a tragédia, tendo em vista que a primeira terminava com finais felizes para os personagens. “No Renascimento a palavra comédia passou a ser usada também para designar as histórias esperançosas e com final feliz [Stott, 2005]. A Divina Comédia de Dante Alighieri é um exemplo dessa concepção de comédia” (JERÓNIMO, 2015, p. 70). Logo, na comédia, o artista reproduz de diferentes formas (*stand-up* e piadas, por exemplo) um conteúdo humorístico produzido ou não por ele.

Assim sendo, o humor presente nos vídeos utilizados como *corpus* do nosso trabalho aborda, de forma cômica, questões do cotidiano de pessoas nordestinas, fazendo com que haja identificação por parte do público.

Tendo em vista os conceitos vistos acima sobre humor, comédia e riso, assim como a partir do exposto acerca dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, partiremos para a análise do *corpus*, abordando vídeos de humoristas nordestinos, mais precisamente paraibanos, para compreender como ocorrem os tipos e níveis de variações sociolinguísticas nos discursos humorísticos selecionados.

4.1 Acerca dos vídeos

Sendo a mídia importante formadora de opinião, tudo o que for dito, através dela, por algum influenciador, servirá de referência para um público que não tenha opinião formada sobre determinado assunto. Podemos encontrar na televisão vários programas humorísticos e novelas que abordam personagens nordestinos estereotipados. Acerca disto, Aragão (2010, p. 39) afirma:

As variações diatópicas ou regionais, especialmente as nordestinas, têm sido bastante utilizadas em novelas e programas humorísticos da televisão, porém, sempre com um sentido conotativo e pejorativo, com exageros que levam esses falares ao ridículo, face à variante padrão ou aos falares do Rio de Janeiro e São Paulo. A esse falar regional junta-se sempre a variante social demarcadora de pessoas incultas, de sócio-econômico-cultural menos favorecido ou, ainda, de “novos ricos”, que ascenderam socialmente, sem que essa ascensão tenha se dado, também, no nível cultural.

Diante disso, torna-se imprescindível que o conteúdo propagado pela mídia seja livre de qualquer tipo de preconceito. Neste caso, para discutir acerca dessa questão xenofóbica existente nos meios de comunicação, dando destaque a conteúdos produzidos na internet, analisará dois vídeos dos humoristas Renan da Resenha e Zé Lezin, respectivamente, intitulados: “Resenha de Nordeste” e “O jeito que o nordestino fala”, disponíveis na plataforma digital *YouTube*. Nas falas dos dois personagens prevalece o discurso humorístico que comumente se define como “tipicamente nordestino”, porque aborda de forma cômica características comuns aos indivíduos desta região. Como dito anteriormente, o humor tem como finalidade provocar o riso em seu público, logo, o humorista, fazendo parte de um contexto linguístico-social igual ao dos seus espectadores, faz uso de seu conhecimento de mundo para criar e recriar temas para suas produções humorísticas

5. Os discursos humorísticos e os níveis de variação linguística

Analisando, na perspectiva dos pressupostos da Sociolinguística, os discursos presentes em nosso *corpus*, encontramos algumas variações quanto a tipos e níveis linguísticos. Estes estudos apresentam quatro níveis de variação que podem ocorrer em uma língua, e que modificam desde a estrutura da palavra até seu som: nível morfológico, lexical, sintático e fonético.

Quanto ao nível morfológico, encontramos diversas vezes e em diferentes contextos socioeconômicos, sujeitos que fazem, em seus discursos, uma “alteração” na estrutura de determinadas palavras, mudando apenas alguma letra, e continuado com o mesmo sentido. Por exemplo, Renan da Resenha, no decorrer de seu vídeo, utiliza termos como [suber] e [bicicreta] que correspondem, respectivamente, a [souber] e [bicicleta]. A troca do /l/ por /r/ dá-se o nome de rotacismo. É bastante comum encontrarmos este nível presente na oralidade dos falantes de todas as regiões, sobretudo no Nordeste. No entanto, embora este fenômeno sociolinguístico seja potencialmente objeto de preconceito linguístico por parte de alguns falantes das normas cultas sua existência tem origem no processo histórico de evolução da língua. Como exemplo, podemos destacar a passagem do latim vulgar /*plicare*/ para o português /pregar/.

Outro exemplo a ser destacado é o processo fonológico, bastante presente na oralidade, conhecido como “Assimilação”, que Bagno (2013, p. 77) expõe no livro *A língua de Eulália* como “a força que tenta fazer com que dois sons diferentes, mas com

algum parentesco, se tornem iguais, semelhantes”. Ou seja, quando um falante diz “correno” ao invés de “correndo”, ocorre a assimilação do *d* pelo *n*. Vale ressaltar que todos os processos fonológicos precisam existir para que a língua continue viva, pois a partir destes processos ela ficará sempre em movimento.

Já o nível lexical atenta-se para a questão da alteração de toda a palavra, e não mais para mudança de apenas algumas letras do vocábulo. Como é o caso de “aipim” e “macaxeira”. O primeiro, mais difundido na região sul e sudeste do Brasil tem o mesmo sentido do segundo, falado no nordeste do país. No entanto, apesar de equivalerem quanto ao sentido, apresentam grafias e pronúncias totalmente diferentes. Logo, temos neste fenômeno de variação lexical um sentido oposto ao que ocorre com o termo [azilado], agora são dois significantes para um mesmo significado.

Quanto ao nível sintático, encontramos problemas de concordância por parte dos termos da sentença, como é o caso de “a gente fomos ao *shopping*”, em que o sujeito “a gente”, apesar de, em um discurso informal, equivaler à primeira pessoa do plural (nós), não concorda com o verbo “fomos”. Este nível é, também, marca mais presente na oralidade. Em um trecho do seu vídeo, Renan diz: [inchi o zói d’água], logo, percebemos que há variação tanto pelo nível sintático, pois em [o zói] não há concordância entre o artigo “o” e o substantivo [zói] (que está sendo usado ao invés de “olhos”), quanto em nível morfológico, pois [inchi] e [zói], neste caso, estão alterando a estrutura, referente ao português padrão, dos vocábulos [enchi] e [olhos], respectivamente. Outro exemplo encontrado no vídeo de Renan pode ser destacado na sentença [noi ser], dito pelo humorista no início de seu vídeo.

Encontramos ainda a variação fonética da língua. Neste caso, a estrutura da palavra permanece a mesma quando escrita. No entanto, quando produzida oralmente, encontramos diferenças no som de palavras como [porta], [corda] e [março], nas quais o fonema /r/ se altera quando pronunciado, constituindo o que conhecemos como retroflexo (quando o falante, ao pronunciar o fonema /r/, leva a ponta de sua língua para parte de trás da boca, criando um som mais “puxado”, característico de cidades da região sudeste do país, como Rio de Janeiro.

Nesse sentido, podemos destacar uma das histórias contadas por Zé Lezin em seu vídeo, na qual ele precisa ser o intérprete para um sujeito do sudeste do Brasil, que alega não compreender o que é dito pelos falantes da região nordeste. Um sujeito nordestino diz a seguinte sentença a Zé: [Zé, ramo andar a carralo?], nela, os termos [ramo] e [carralo], [vamos] e [cavalo], respectivamente, para falantes familiarizados com este tipo de discurso, ficam compreensíveis, mas para um sujeito que não tem convivência com esses dialetos, fica incompreensível o discurso. Estas situações descritas acima exemplificam o que vem sendo discutido acerca dos níveis: lexical, fonético/fonológico, sintático e morfológico presentes em alguns registros da fala nordestina, utilizados pelos humoristas para provocar o riso em suas falas.

Os discursos dos dois humoristas se assemelham em alguns aspectos. Por exemplo, na forma como ambos descrevem o jeito de falar do nordestino, exemplificando essa afirmação a partir de diferentes dialetos utilizados por esses falantes. Um exemplo foi utilizado por ambos: [tô mais infadado(a) que bacia de assar castanha], apesar de serem ditos em contextos diferentes. Esta sentença é bastante explorada pelos comediantes por ser, segundo eles, uma característica forte do nordestino comparar situações, objetos e afins, para enfatizar ou esclarecer para o ouvinte o que está sendo dito naquele contexto enunciativo.

No decorrer dos vídeos, os humoristas utilizam outros exemplos de frases comparativas ditas pelos falantes em questão, como [[...] eu já ando mais dirmantelado

que carrêra de pato], dito por Renan, a qual é utilizada pelo personagem para explicar sua situação com relação a relacionamentos; [...] e *eu tô mais infadado que passarim na mão de minino*], dito por Zé Lezin, em um diálogo acerca do quanto os personagens “imaginários” estão cansados.

Ainda sobre os registros de variações linguísticas encontradas em nosso *corpus*, podemos destacar dois termos: [*munganga*], dita por Renan, e [*fico mordido*], dita por Zé. A primeira, popularizada em meio aos nordestinos, tem o mesmo valor de [careta, coisa estranha]. Já a segunda, apesar de ser de conhecimento nacional o valor de [ser atingido por uma mordida/dentada], apresenta um valor semântico para a região Nordeste diferente do sentido conhecido pelo resto do país. Aqui, esta sentença apresenta o mesmo sentido de [estar com raiva], como no discurso de Zé Lezin em que ele utiliza-se deste termo para dizer seu sentimento com relação às pessoas que saem do Nordeste para ir ao Rio de Janeiro por pouco tempo e voltam trazendo em suas falas o sotaque da região Sudeste.

Acerca desta “apropriação” de sotaques, ocorre o que Freitag e Lima (2010, p. 24) chamam de *valorização positiva do estereótipo*, ou seja, o falante adere a este sotaque por ser este de uma região mais desenvolvida. No entanto, ocorre também o que os autores dão o nome de *valorização negativa do estereótipo*, quando um sotaque é discriminado por pertencer a uma região “menos desenvolvida”, como é o caso dos sotaques de alguns lugares do Nordeste.

Zé Lezin, para explicar o porquê de o falante da região Nordeste não se [*misturar*] com falantes de outras regiões, afirma que um dos fatores para que não ocorra essa “fusão”, se dá pelo fato do nordestino apresentar “*vícios de linguagem*”. Fica evidente que o humorista refere-se, a partir do senso comum, ao dialeto produzido por esses falantes como um “desvio” no uso da língua, no entanto, tendo conhecimento dos estudos e teorias expostas aqui, e pela Sociolinguística, podemos compreender que esses “*vícios*”, são, em linhas gerais, variedades ou dialetos da língua portuguesa falada pelos habitantes da região Nordeste, sendo este um elemento fundamental para a formação e manutenção da identidade cultural e linguística dessa comunidade de fala.

A partir de tal afirmação, podemos compreender que os dialetos presentes na fala dos sujeitos nordestinos são, em alguns casos, motivo de preconceito linguístico por serem entendidos como “*vícios de linguagem*” adquiridos por falantes desta região, tornando o português dito aqui como errado e motivo de piada em programas “humorísticos” que abordam, em alguns casos, os personagens nordestinos como analfabetos, pobres e pertencentes à classe operária, ou que não ascenderam socialmente.

Em face do que foi discutido e explorado no decorrer de nossa análise, podemos compreender, a partir dos exemplos apresentados em nosso *corpus* à luz da Sociolinguística, que a língua portuguesa não é pura, pois apresenta variedades, sendo elas adequadas ou inadequadas a determinadas situações sociais, podendo ser, inclusive, parte da cultura de um falante que está inserido em um determinado contexto sociocultural.

Quanto ao humor produzido por Renan da Resenha e Zé Lezin, podemos compreender que ambos apresentam identificação por parte do público, por utilizarem-se de artifícios humorísticos que os atraem, como a abordagem, de forma cômica, de fatos presentes no cotidiano do nordestino e apresentando, de forma indireta, o nordestino estereotipado, ou seja, o sujeito que tem em si o “poder” de fazer rir mesmo sem falar, apenas com o seu jeito de ser”.

É importante ressaltar que o humor é construído pelo Outro (quem fala a piada) e para o Outro (sobre quem se fala a piada), ou seja, “deveria ser evidente que os

estereotipados são construtos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como o(s) Outro(s) para algum grupo.” (POSSENTI, 2014, p. 41). Um sujeito que não compactue com algumas características de determinado grupo social cria piadas a partir das diferenças existentes entre eles, podendo gerar, dependendo da intenção da piada, um preconceito sobre o sujeito que está sendo objeto deste discurso.

Portanto, a finalidade de um discurso humorístico, seja ele de qualquer gênero (piada, charge, *stand-up*) será produzido sobre o Outro que apresenta características físicas (pessoas acima do peso), intelectuais (a loira considerada burra) ou linguísticas (o modo de falar de pessoas de outras regiões), a fim de gerar riso acerca das diferenças encontradas nesse Outro, tratando-as como um “produto” que veio com defeito.

6. Considerações finais

Tendo consciência da pluralidade existente em todas as línguas faladas, nosso trabalho teve como principal objetivo compreender de que modo as variações linguísticas contribuem para a produção humorística regional. No decorrer deste artigo, foram discutidos temas como variação linguística (níveis e tipos), preconceito linguístico, e como estes elementos apareceram nos discursos humorísticos dos personagens Zé Lezin e Renan da Resenha.

A partir do estudo produzido neste artigo, amparado pela teoria da Sociolinguística Variacionista, podemos compreender que as variações presentes no português brasileiro apresentam grande importância para a língua e cultura dos sujeitos em sociedade. Logo, refletindo sobre a produção de humor à luz da Sociolinguística, podemos compreender que os dialetos e contextos sociais utilizados pelos humoristas em suas piadas são partes fundamentais para a construção do riso em suas falas, pois o humorista precisa criar uma relação entre o que foi dito por ele e o banco de dados comum ao seu público, por exemplo, abordando temas que sejam de conhecimento de ambos.

Portanto, o humor utiliza-se de diversos elementos, dentre eles: a identidade cultural de um povo, fatos cotidianos e cultura (comida, vestimentas e assuntos familiares). O humor produzido e popularizado no Nordeste, apesar de apresentar uma finalidade igual a dos que são produzidos em outras regiões, criar conteúdo para o Outro, diferencia-se pelo fato de termos uma cultura diferente, com a presença de particularidades linguísticas próprias, que acaba tornando o humorista que participa do mesmo contexto regional do público, parte do “outro” a quem a piada se refere.

Por fim, ao observar as produções de ambos os humoristas, podemos perceber que não existe um preconceito de forma explícita por parte dos mesmos, mas sim um reforço a estereótipos com intuito de gerar o riso para seus discursos. Por isso, consideramos que a variação linguística presente nos discursos humorísticos analisados em nossa pesquisa foi essencial para a produção de sentidos na fala dos personagens. Logo, com a variedade existente em todo território nacional, é preciso compreender que todas tornam o Brasil um país “plural”, onde se abrigam povos, línguas e culturas diversas. Portanto, esta pluralidade deve ser aceita como riqueza nacional, e não como um “erro” a ser “corrigido” para a uniformização da nação.

Referências

ARAGÃO, Maria do Socorro S. de. Variantes Diatópicas e Diastráticas a Língua Portuguesa do Brasil. **Graphos**. João Pessoa. vol. 12, n. 2. Dezembro 2010, p. 35 — 51.

- ARAÚJO, M. de A. A. Linguagem e identidade cultural: uma abordagem Sociolinguística. **Web-Revista SOCIODIALETO**. Campo Grande/MS. vol. 1, p. 1 — 19, 2011. Disponível em <<http://www.sociodialeto.com.br/>> Acesso em 09/11/2020.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- _____. A mitologia do preconceito linguístico. In: **Preconceito Linguístico – o que é, como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BORSTEL, Clarice Nadir von. Sociolinguística: Teoria, Método e objeto em pesquisas *in loco*. Web-Revista **Sociodialeto**. Campo Grande/MS, vol. 4, n. 12, maio 2014. Disponível em <<http://www.sociodialeto.com.br/>> Acesso em 09/11/2020.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos/SP: Claraluz, 2007, 128p.
- FREITAG, Raquel M. Ko; LIMA, Geralda de O. S. **Sociolinguística**. São Cristóvão/SE: CESAD, 2010, p. 21 — 36.
- JERÓNIMO, Nuno Amaral. Riso, humor e comédia: O humor no espaço público privilegiado. In: **Humor na Sociedade Contemporânea**. Covilhã, abril 2015, p. 63 — 132.
- LEZIN, Zé. O jeito que o nordestino fala. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8CJqK79dbcE&t=6s>> Acesso em: 05/11/2020.
- POSSENTI, Sírio. Estereótipo e identidade: o caso nas piadas. In: **Humor, língua e discurso**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Exemplificando a variação linguística no português brasileiro. **Curso de licenciatura em letras língua portuguesa, modalidade a distância — Disciplina Sociolinguística**. Belém/PA: EDITAEDI, 2014. p. 57 — 66.
- RESENHA, Renan da. Resenha de nordestino. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=t2tqiUvOP2E&t=l9s>> Acesso em: 05/11/2019.
- SCOPARO, Tania R. M. T.; MIQUELETTI, Eliane A. Variação linguística: língua portuguesa e o preconceito na mídia. **Vocábulo: revista de letras e Linguagens Midiáticas**. Ribeirão Preto/SP: Centro Universitário Barão de Mauá. Vol. 6. S/D. Disponível em <http://www2.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/volumeVI.html> Acesso em 10/11/2020.
- TELES, T. A. F. **Linguagem e identidade social -uma abordagem sociolinguística**. Disponível em <http://cetrans.com.br/assets/artigoscongresso/Tercia_Ataide_Franca_Teles.pdf> Acesso em 09/11/2020.